

D. JOÃO MARCOS

Imagens da Fé

Percursos iconográficos, teológicos e pastorais



PREFÁCIO

Evangelizar é ensinar a ver. No seu “programa” e para cumprir a antiga profecia, Jesus propôs-Se «dar a vista aos cegos». E não faltam cegueiras curadas nas narrações evangélicas.

Algumas físicas, claro está. Mas como sinais de outras mais difíceis, cegueiras da alma que não deixam ver, entender e contemplar – que é ver ainda mais. O nosso povo sabe isto muito bem, quando diz, por exemplo, que «o pior cego é o que não quer ver...». E qualquer um dirá, quando tem dificuldade em perceber seja o que for, que «não vê um palmo à frente do nariz».

Voltando aos evangelhos, especialmente ao quarto, reparemos que quando há verdadeiros encontros com Jesus, é sempre dia ou faz-se dia; quando há desencontros e negações, é noite ou faz-se noite. Pois, na verdade, a luz brilha nas trevas; ou, tragicamente, quem resiste à luz afunda-se no escuro. E Jesus Cristo – o Evangelho em pessoa – é, sabemos-lo bem e por experiência própria dos cristãos, “Luz do mundo”.

Com perfeita coincidência, em Jesus há uma verdade bondosa e esplendente. Concretizam-se n’Ele os latentes transcendentais – o verdadeiro, o bom (ou bem) e o belo – que em cada ser humano anseiam por realização absoluta. Nos evangelhos, esta convicção manifesta-se em frases como estas, dos que O viam, ouviam e afinal contemplavam: «A quem havemos de ir se só Tu tens palavras de vida eterna?!» ou «Como é bom estarmos aqui (junto de Ti)», ou tantas outras do género. E os próprios opositores reconheciam-Lhe a «sedução».

O mais convincente, como foi para os primeiros discípulos e continua a ser para nós, é o facto de nos sentirmos atraídos por algo que nos podia causar o sentimento contrário. Refiro-me à própria cruz. Sabemos, aliás, que não foi assim tão fácil a sua representação nas origens, pois era instrumento de grande castigo e mais afastava do que atraía: «Maldito aquele que morre no madeiro.»

No entanto, o modo como Jesus aí mesmo viveu a verdade total da sua vida, que é ser Deus conosco e para nós, precisamente onde mais necessitamos de ser salvos – ou seja, na morte e nos inúmeros sinais dela –, manifestou o que seja a verdade, como bondade que esplende. E não hesitamos em proclamar como Paulo que «toda a nossa glória está na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo»!

Tudo isto para me congratular e muito com a edição destas imagens e textos de D. João Marcos, caríssimo colega e amigo de há tantos anos e agora bispo coadjutor de Beja. Sempre o reconheci ligado de convicção e expressão à glória da Cruz, onde rebrilha o Evangelho autêntico. Como segui com gratidão as suas catequeses pictóricas, patentes em várias igrejas e publicações, litúrgicas ou outras. Porque se quis incluir “com arte e com alma” na tradição mais autêntica da estética cristã – mais substantiva do que meramente adjetiva –, que não distrai para nos manter na mesma, mas nos atrai para nos levar muito além, ainda que pelo caminho estreito em que desponta a Luz.

Faz-nos “ver”, e por isso evangeliza. Agradeço-lhe e à editora esta possibilidade mais. E com o salmista repito: «Senhor, na tua luz veremos a Luz!»

✠ MANUEL CARD. CLEMENTE,
Epifania de 2016

INTRODUÇÃO

Antes da nomeação do padre João Marcos para bispo coadjutor de Beja – a 10 de outubro de 2014 – já tinha surgido a ideia de publicar em livro algumas das suas obras de pintura e respetivos textos introdutórios no decorrer do ano de 2014, quando várias pinturas do padre João Marcos ilustraram as capas da revista *Liturgia Diária*, da PAULUS Editora.

A nova missão confiada pela Igreja ao padre João Marcos encorajou-nos a oferecer ao público português esta obra composta de imagens e de textos. São percursos iconográficos, teológicos e pastorais, como se sugere no subtítulo. Cada pintura, nascida para responder a situações concretas em que eram necessárias imagens para configurar espaços celebrativos, é Evangelho meditado, pintado e oferecido às comunidades cristãs para as ajudar a celebrar a Fé e também para iluminação da inteligência, conversão do coração, alimento da vida divina e incentivo ao anúncio de Jesus Cristo.

No prefácio do livro intitulado *Abrindo o que ninguém fechará*, comentário às ilustrações do Evangelário, também da sua autoria, publicado em 2001, escrevia D. Manuel Clemente: «Contemplando as imagens,

instruídos pelos respectivos comentários, poderemos ir muito longe na compreensão dos mistérios centrais da nossa salvação. Tão longe que nos quedaremos onde só a ação de graças pode subsistir e onde a caridade nos levar.»¹

Sigamos por aí! Quem abrir este livro contemple as imagens, leia os textos, deixe-se tocar pela mensagem e deixe-se conduzir pelo Espírito em verdadeira e sincera oração. É missão da arte sacra manifestar e oferecer à Igreja e ao mundo este rio de vida que brota do trono de Deus e que a Ele nos conduz.

A 25 de outubro de 2012, aquando da visualização de um documentário sobre as temáticas da Arte e da Fé, afirmou o Papa Bento XVI: «Vem ao pensamento aquilo que Jesus dizia aos seus discípulos: a vós, os mistérios do Reino de Deus são explicados, enquanto àqueles que são “de fora” tudo é anunciado “em parábolas” (cf. Mc 4, 10-12). A linguagem da arte é parabólica, dotada de uma especial abertura universal: a “*via Pulchritudinis*” é uma senda capaz de orientar a mente e o coração para o Eterno, de os elevar até às alturas de Deus.»² Esta consciência da força da arte tem consequências na própria evangelização, como reconhece o Papa Francisco: «Anunciar Cristo significa mostrar que crer n'Ele e segui-l'O não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspetiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que nos ajuda a encontrar com o Senhor Jesus.»³

A motivação profunda destas pinturas e dos textos que as acompanham é visualizar e oferecer a beleza dos mistérios cristãos a quem deseja mergulhar neles. Não são propriamente ilustrações de passagens evangélicas: são imagens querigmáticas, anunciadoras do Mistério de Cristo e da Igreja. Porque condensam a catequese e nos ajudam a ver os mistérios não apenas como ideias e conceitos mas como acontecimentos salvíficos, poderão

¹ CLEMENTE, M. (2001). Prefácio. In: J. Marcos. *Abrindo o que ninguém fechará*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 6.

² BENTO XVI, *Discurso no final da projeção do documentário «Arte e fé – via pulchritudinis»* (25 de outubro de 2012).

³ PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), n.º 167.

ser instrumentos que Deus use para chegar ao coração e à vida de muitas pessoas.

É facilmente compreensível que, dada a intensa e sempre prioritária atividade pastoral do autor, muitas destas obras não tenham uma expressão mais conseguida. Em boa verdade, muitas delas são consideradas por ele como simples esboços. Mas como entre nós não há muitas experiências semelhantes, pode ser que a divulgação desta obra encoraje outros artistas cristãos a prosseguir na recuperação das raízes da iconografia e a apresentar o Mistério de Cristo e da Igreja nas linguagens artísticas contemporâneas. A verdadeira beleza, na qual se encontram o bem e a verdade, anda muito arredada da grande produção artística do nosso tempo, espelhando assim o vazio espiritual da maior parte dos artistas contemporâneos. A contemplação destas imagens, com a ajuda dos textos que as acompanham, é sem dúvida uma ação simultaneamente evangelizadora e pedagógica.

No coração de quem recebe com fé o Evangelho e experimenta a comunhão eclesial desponta o Sol radiante da beleza, esplendor do encontro do homem com Deus, esplendor do encontro da verdade e da bondade de Deus habitando em nós. A evangelização é a verdadeira educação para a beleza e para a arte cristã.⁴

José João dos Santos Marcos nasceu a 17 de agosto de 1949 em Monte Perobolso, concelho de Almeida, distrito da Guarda. Foi o único rapaz dos seis filhos de António João Marcos e de Isabel Maria dos Santos. Frequentou os Seminários do Patriarcado de Lisboa, nomeadamente Santarém, Almada e Olivais. Recebeu a Prima Tonsura do Cardeal-Patriarca D. Manuel Cerejeira. Fez a sua formação pastoral na paróquia de Nossa Senhora dos Anjos e foi ordenado presbítero pelo Cardeal-Patriarca D. António Ribeiro, na Sé de Lisboa, a 23 de junho de 1974. Em 2004 foi nomeado

⁴ «Torna-se necessário que a formação na *via pulchritudinis* esteja inserida na transmissão da fé.»
(PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n.º 167.)

cónego da Sé Patriarcal pelo Cardeal-Patriarca D. José Policarpo.

Entre 1975 e 1985 fez parte da Equipa Sacerdotal da Merceana (Alenquer) com os padres Joaquim Batalha, Joaquim Martins e Teodoro de Sousa. Fez várias experiências de itinerância como membro do Caminho Neocatecumenal, nomeadamente em Évora (1981-1983); em Dublin, Irlanda (1984); e em Porto Velho, Manaus e Belém do Pará, Brasil (1985). Foi pároco de Milharado e Vila Franca do Rosário, Mafra (1985-1994); e de Camarate e Apelação, Loures (1994-2002).

Formado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, várias obras suas podem encontrar-se em capelas e igrejas. Procura oferecer a tradição iconográfica cristã em expressões próprias das técnicas e vivências do nosso tempo. A respeito das suas obras de arte, afirma-se no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*: «O pintor, e padre católico, João Marcos apresenta pintura retabular em locais públicos de culto, como as igrejas de Casais Brancos, Merceana, Albarraque, Penafirme e Benedita e capela do Seminário dos Olivais, na qual recria uma iconografia de raiz intemporal e essencialista, na tradição iconológica protocristã, com passagens eletivas pela iconologia bizantina, e por Giotto e por Cimabue.»⁵ Numa outra obra, Clara Menéres afirma: «Tem produzido obras de pintura de grande qualidade e dimensão para vários espaços de culto [...]. As pinturas do padre João Marcos, quando de grande formato, são habitualmente composições de vários elementos. Mas o aspeto mais interessante do trabalho deste autor consiste na sua linguagem pictórica que se baseia nos ícones ortodoxos. Trata-se de uma atitude estética que merece reflexão, por ser uma tentativa de unir a tradição artística cristã, no que ela tem de mais espiritual, com uma expressão contemporânea. O tipo de composição, o desenho das figuras e até o cromatismo remetem para imagens que nos chegaram do Oriente e que se tornaram moda em toda a Europa.

⁵ SILVA, A. J. (2001). Pintura. In: C. Azevedo (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 1-P. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, p. 455-456.

Na maior parte dos casos, os ícones que vemos em capelas e lugares de oração são reproduções de originais. Por vezes, estas imagens são simplesmente copiadas por pessoas com maior ou menor habilidade. No caso do padre João Marcos, os ícones são apenas a referência e a inspiração que lhe permitem ensaiar uma pintura sacra atual.»⁶

A 10 de outubro de 2014, D. João Marcos foi nomeado bispo pelo Papa Francisco. Exercia a missão de diretor espiritual no Seminário dos Olivais (desde 1995) e no Seminário Redemptoris Mater (desde 2000). Lecionava os cursos de Arte e Cultura cristãs do Ano Propedêutico do Seminário de Caparide, e Estética e Expressão da Fé e Iniciação Cristã dos Adultos no Ano Pastoral do Seminário dos Olivais.

Algumas das obras aqui referidas encontram-se neste livro, como os retábulos de Penafirme (Torres Vedras), da Benedita (Alcobaça), de Alfornelos (Amadora), Jeromelo (Mafra), Póvoa da Galega (Mafra) e da Brandoa (Amadora). Apresentam-se ainda obras de menor dimensão: Casais da Serra (Mafra), Casais Brancos (Alenquer), Calvos (Mafra), Roussada (Mafra), Apelação (Loures), Setúbal, Ramada (Odivelas) e Ribamar (Lourinhã). Alguns dos textos aqui apresentados já haviam sido publicados em edições de pouca dimensão, geralmente distribuídas na inauguração das obras. Foram aqui reunidos e, em muitos casos, retrabalhados profundamente. Outros foram propositadamente compostos para o presente livro. Não são descrições técnicas e estéticas exaustivas. Cruzam-se teologia e estética. Encontram-se pastoral e espiritualidade. Cada texto é um convite a entrar no Mistério representado em cada pintura. Cada obra fala-nos de Deus, de Jesus, da Virgem Maria, da Igreja. Deixemo-nos guiar pelo Espírito de Deus que nos fala através destas imagens e destes textos para alimentar em nós o deslumbramento da Fé e para nos conduzir a Ele, ao seu conhecimento e ao seu amor e serviço.

⁶ MENÉRES, C. (2001). Artes plásticas de temática religiosa. In: M. Braga da Cruz; N. Correia Guedes (coord.). *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, p. 63.



O túmulo aberto

Igreja do Seminário
de Penafirme,
Torres Vedras,
1992

DO VAZIO À PLENITUDE

13

«O mistério de Deus que Se fez homem e a consequente divinização do homem assumido pelo Verbo representam o compêndio perfeito dos benefícios de Cristo em nosso favor e o aniquilamento de toda a vã presunção da natureza humana.»¹

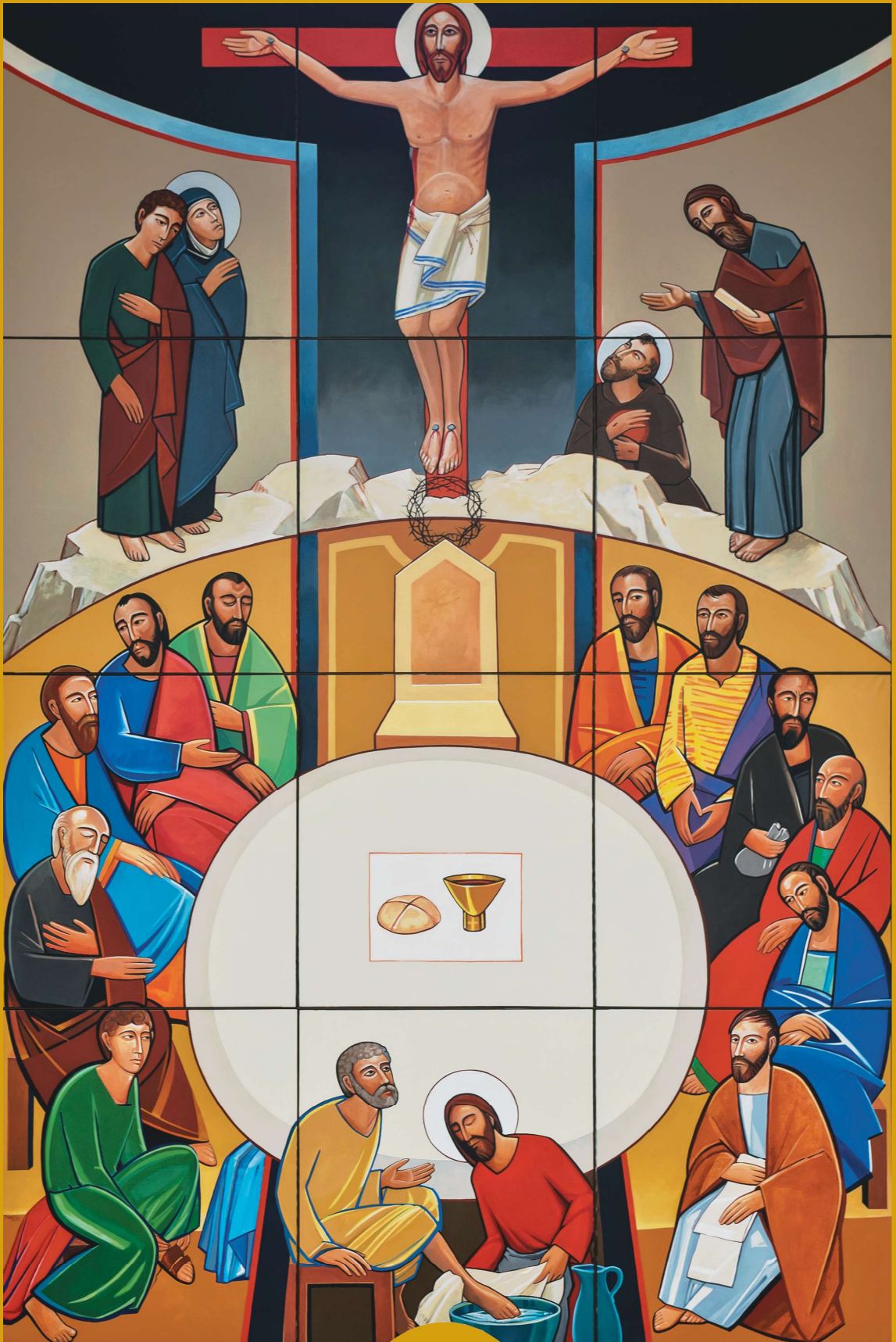
Foram estas palavras de Santo André de Creta que me serviram de inspiração e me guiaram na estruturação e no desenvolvimento deste retábulo para a igreja do Seminário de Penafirme, meditado e realizado entre 1988 e 1992, sobretudo no verão, quando abranda nas paróquias o ritmo de atividades pastorais.

Trata-se de Evangelho pintado e, por isso, estou certo de que os discípulos do Reino dos Céus nele descobrirão esse tesouro do qual sempre se podem tirar coisas novas e velhas (cf. Mt 13,52).

Quem, habituado a outras formas de arte religiosa, se aproximar desta pintura buscando representações historicistas e alegorias moralizadoras, certamente se dará conta de que não passa por aí o discurso nem o

¹ ANDRÉ DE CRETA,
Sermão I.





Índice

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	7
TÚMULO ABERTO	13
O MISTÉRIO DA IGREJA.....	31
O MISTÉRIO DO PENTECOSTES	39
EM NOME DO PAI E DO FILHO	
E DO ESPÍRITO SANTO.....	45
A DORMIÇÃO DE NOSSA SENHORA.....	49
O MISTÉRIO DA CRUZ.....	55
A VIDA MANIFESTOU-SE	61
SERVIR.....	67
CRISTO PANTOCRATOR.....	77
A PÁSCOA DO SENHOR.....	85
O BATISMO DE JESUS E O NOSSO.....	97
O MISTÉRIO DA VIRGEM MARIA.....	105
A «DEÉSIS»	113
DEUS É AMOR	119